

# É GAY OU HÉTERO? O papel da prosódia da fala e visual na percepção de gênero e orientação afetivo-sexual

*ARE THEY GAY OR STRAIGHT? The role of the speech and visual prosody in the perception of gender and sexual orientation*

João Pedro Santana Luciano da Silva<sup>1</sup> 

Vera Pacheco<sup>2</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: Vitória da Conquista, BA, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia: Vitória da Conquista, BA, Brasil.

E-mail: santana130796@gmail.com

E-mail: vera.pacheco@uesb.edu.br

## Editora-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

## Editoras convidadas

Manuella Carnaval e  
Carolina Gomes da Silva

Recebido: 13/05/2025

Aceito: 05/11/2025

**Como citar:** SILVA, João Pedro Santana Luciano da; PACHECO, Vera. É GAY OU HÉTERO? O papel da prosódia da fala e visual na percepção de gênero e orientação afetivo-sexual. *Revista Diadorim*, v.27, n.3, e68351, 2025. DOI: 10.35520/diadorim.2025.v27n3a68351

## Resumo

Neste estudo que relaciona prosódia da fala e visual (Munhall *et al.*, 2004; Swerts; Krahmer, 2008; Pacheco, 2011; Moraes; Miranda; Rilliard, 2012) e sexualidade humana, investigamos como juízes caracterizam sujeitos do sexo masculino como homens héteros, *gays*, masculinos e não masculinos por meio da expressividade prosódica. Para isso, elaboramos seis formulários virtuais para seis diferentes grupos de avaliadores, que responderam a cinco perguntas a respeito da expressividade de fala e gesto, do gênero e da orientação afetivo-sexual de oito sujeitos cisgêneros, i.e., quatro *gays* e quatro heterossexuais autodeclarados. Coletadas e tabuladas as avaliações, obtivemos um total de 1.920 respostas, em que os juízes associaram maior expressividade acústica e visual à homossexualidade e à não masculinidade e menor expressividade à heterossexualidade e à masculinidade. Diante disso, concluímos que socialmente caracterizamos homens não masculino e/ou *gays* como sujeitos mais expressivos que homens héteros e/ou masculinos, reforçando uma ideia sócio-histórica de que *gays* são muito expressivos.

## Palavras-chave:

Prosódia; Percepção; Expressividade; *Gays*; Heterossexuais.

## Abstract

This paper explores the relationship between speech, visual prosody (Munhall *et al.*, 2004; Swerts; Krahmer, 2008; Pacheco, 2011; Moraes; Miranda; Rilliard, 2012) and human sexuality by investigating how judges categorize male subjects as heterosexual, gay, masculine or non-masculine people based on prosodic expressiveness. To achieve this, we designed sex virtual questionnaires for six different groups of judges, who answered five questions regarding the speech and gestures expressiveness, gender, and sexual orientation of four self-identified cisgender gay and four self-identified cisgender heterosexual individuals. After collecting the responses, we obtained a total of 1,920 responses, in which judges associated greater acoustic and visual expressiveness with homosexuality and non-masculinity, whereas lower expressiveness was associated to heterosexuality and masculinity. Based on these results, we conclude that, socially, non-masculine and/or gay men are perceived as more expressive than heterosexual and/or masculine men, reinforcing a sociohistorical notion that gay men are highly expressive.

## Keywords:

Prosody; Perception; Expressiveness; *Gays*; Heterossexuais.

## Introdução

Os gestos e a fala humanos cumprem um papel fundamental na linguagem cotidiana da nossa espécie. É sabido que a combinação desses dois fenômenos é uma realidade linguística multimodal capaz de determinar o sucesso de uma interação entre pessoas (Mcneill, 1992; Krahmer *et al.*, 2002; Munhall *et al.*, 2004; Swerts; Krahmer, 2008; Pacheco, 2011; Moraes; Miranda; Rilliard, 2012; Miranda *et al.*, 2021, entre outros autores).

Desse modo, em uma comunicação entre duas ou mais pessoas, são acionados diversos recursos linguísticos e extralinguísticos para sua finalidade interativa. Nesse meio, assim como a fala, os gestos são importantes para inferir o teor da conversa, mesmo observando, com uma determinada distância, duas ou mais pessoas se comunicando (Dias, 2018).

Da mesma forma, fenômenos da sexualidade humana também podem ser observados em um encontro entre duas ou mais pessoas, levando-as a inferir quem são os agentes daquela interação em termos de gênero, orientação afetivo-sexual, entre outras categorias. Sobre isso, o gênero é um fenômeno essencial à nossa for-

mação como sujeitos linguísticos (Butler, 2024). É por meio dele que podemos nos expressar de diferentes formas, desde a maneira como caminhamos, nos vestimos e até como nos comunicamos. No que diz respeito a gênero, há uma possibilidade de sermos capazes de deduzir, pela forma de uma pessoa se expressar pela fala e/ou pelo uso de gestos, se alguém é masculino, feminino etc. Assim, gesto e fala podem servir de pistas para julgarmos se essa pessoa é heterossexual ou *gay*, por exemplo. Em outras palavras, fatores linguísticos, como a fala, os gestos etc., podem desempenhar um papel importante no que diz respeito à percepção da sexualidade humana.

Neste trabalho, para observar as percepções de gênero e de orientação afetivo-sexual, nos ancoramos tanto na prosódia da fala quanto na prosódia visual, sendo esse último, um fenômeno linguístico observado por foneticistas que se refere a gestos capazes de veicular informações prosódicas da fala. Logo, por meio da prosódia visual, podemos estudar fenômenos prosódicos, que incluem elementos como entoação, ênfases, modalidades de sentenças – como perguntas, declarativas etc. – ligados aos gestos, sendo esses, movimentos corporais/manuais e faciais.

Com isso, teremos condições de investigar como as pessoas compreendem o que é expressar-se linguisticamente como *gay* e homem heterossexual, a fim de discutirmos conceitos sociais relacionados à homossexualidade e heterossexualidade.

Não é recente a ideia de que, especialmente, a fala, sobretudo em termos prosódicos, é tido como um marcador de gênero ou orientação afetivo-sexual. Diversos estudiosos se encarregaram em investigar e desvendar os aspectos da fala considerados como traços comuns de uma pessoa *gay* e/ou afeminado/efeminado (Gaudio, 1994; Rogers; Smyth; Jacobs, 2000; Kachel; Simpson; Steffens, 2018; Barbuio; Paulino, 2021; Sene, 2022; entre outros). No entanto, observamos que há uma carência de investigação científica que busca compreender como a multimodalidade linguística – fala e gesto – impacta na percepção da sexualidade humana. Os estudos mais recentes nesse escopo de pesquisa são trazidos por Santana-Luciano *et al.* (2021) e Santana-Luciano e Pacheco (2024).

A fim de contribuirmos à ciência por meio desse tipo de investigação, questionamos: qual o papel da prosódia da fala e da prosódia visual na percepção de gênero e da orientação afetivo-sexual de heterossexuais, *gays* e (não) masculinos? Para tanto, realizamos um estudo experimental de simulação com vistas a investigar como se daria a percepção dessas categorias de sexualidade humana e gênero.

Nossa expectativa geral é de que os juízes tendem a caracterizar *gays* e/ou homens percebidos como não masculinos<sup>1</sup> como sujeitos mais expressivos, em termos multimodais (fala e gesto), do que homens heterossexuais considerados masculinos, cujas expressividades prosódicas de fala e visual seriam tidas como mais restritas/menores.

---

<sup>1</sup> No que diz respeito à percepção da (não) masculinidade, nos ancoramos à noção de masculinidade hegemônica trazida por Connell (1995) apresentada na seção “Gênero e sexualidade humana: sujeitos gays e heterossexuais em foco”.

Assim, para responder à pergunta central, testar nossa hipótese e alcançar nosso objetivo geral, apresentaremos todo o percurso investigativo nas próximas seções, as quais são a) referencial teórico, em que traremos, a seguir, os principais estudos importantes para a nossa discussão; b) metodologia, em que apresentaremos a condução metodológica adotada para este estudo, bem como toda abordagem sistemática desde a seleção dos sujeitos, juízes etc. até as nossas escolhas de condução investigativa; c) resultados, seção que descreveremos e discutiremos os nossos achados; d) considerações finais, para retomarmos nosso problema de pesquisa e divulgarmos, de forma objetiva e sintética, o que encontramos; bem como os nossos referenciais.

Isso posto, apresentamos, em seguida, os estudos fundamentais para a nossa investigação.

## Fala e prosódia como instrumentos de caracterização da sexualidade humana

A fala é uma materialidade linguística utilizada por pessoas oralizadas que, como compete ao domínio da Fonética, pode ser observada por níveis articulatório, acústico e perceptual. Conforme Kent e Read (1992), o último produto da fala, o que chega aos nossos ouvidos, é o sinal acústico, um evento físico que contém a mensagem linguística que emitimos (Kent; Read, 1992, p. 9). Assim, tratar da percepção da fala é também lidar com o que foi propagado acusticamente.

Por meio da Fonética, ou seja, da subárea da Linguística que estuda os sons da fala, podemos investigar esses sons em um nível prosódico, ou seja, com aspectos que estão para além dos segmentos fonéticos como vogais e consoantes. Conforme Barbosa (2019), cumpre à prosódia o estudo de acento, entoação, ênfase, ritmo que podem estar relacionados ao discurso, atitudes, emoção, entre outros fenômenos. O autor ainda destaca que a prosódia pode ser observada por meio de correlatos perceptuais como o *pitch*, *loudness* (volume), duração e qualidade de voz percebidas. Além disso, Dias (2018) sustenta o fato de que, por meio da prosódia, somos capazes de distinguir fonética e fonologicamente modalidades de sentenças com a ajuda da variação melódica, ou seja, a prosódia nos ajuda a diferenciar frases interrogativas, declarativas etc.

Entendemos como prosódia, portanto, aquilo o que “[...] organiza nossos enunciados, moldando nossa maneira de falar através do concurso de modificações articulatórias que se manifestam acusticamente em unidades prosódicas” (Barbosa, 2019, p. 37).

No escopo dos estudos sobre prosódia, encontramos trabalhos que investigam esse fenômeno na fala de sujeitos homossexuais e heterossexuais (Gaudio 1994, Barbuio; Paulino, 2021; Rogers; Smyth, 2003, entre outros). O estudo de Gaudio (1994) é uma referência no que diz respeito a esse tipo de investigação. Nesse estudo, o autor analisou as percepções dos ouvintes sobre identidade sexual de sujeitos

com a real orientação afetivo-sexual de quatro homens autodeclarados heterossexuais e quatro *gays*. A partir disso, treze ouvintes, que tiveram acesso a dezesseis trechos de fala dos oito sujeitos, coincidiram com a orientação-afetivo sexual real desses sujeitos em sete das oito situações. O autor chegou à conclusão de que a frequência fundamental (doravante,  $f_0$ ) pode contribuir para a identificação da orientação afetivo-sexual.

O papel da  $f_0$  na identificação de sujeitos *gays* é endossado ao se verificar a maior variabilidade desse parâmetro acústico encontrado para o grupo de sujeitos homossexuais se comparado com o grupo de sujeitos heterossexuais. Nesse sentido, a alta variabilidade da  $f_0$  no grupo de sujeitos homossexuais pode ser uma pista para uma possível “fala *gay*” (Rogers; Smyth, 2003; Barbuio; Paulino, 2021), além de maiores valores manipulados dessa variável acústica também serem atribuídos mais a uma “fala *gay*” do que uma fala masculina, como atesta Sene (2022).

Para além da maior variabilidade (Rogers; Smyth, 2003; Barbuio; Paulino, 2021) e do maior valor de  $f_0$  (Sene, 2022) terem sido associados positivamente a um falar da pessoa *gay*, outros parâmetros acústicos podem estar associados a essa tipificação, a saber: duração e valores de frequências de fricativas. De acordo com Rogers, Smyth e Jacobs (2000), as fricativas com maiores duração e maiores frequências foram atribuídas a uma fala *gay*, resultado corroborado por Sene (2022) que, ao realizar teste de percepção com estímulos constituídos com a duração manipulada das fricativas, obteve como resultado que as vozes com maiores valores de duração das fricativas foram atribuídas como falas *gays* e menos masculinas.

Assim, de um modo geral, podemos afirmar que há alguns parâmetros prosódicos que podem ser potenciais pistas na percepção de uma fala *gay*. Contudo, não se pode perder de vista que essa percepção possa estar também ancorada em estereótipos implícitos relacionados a fala de sujeitos categorizados como “heterossexuais” ou “homossexuais”, além de poder estar carregada de preconceito (Kachel; Simpson; Steffens, 2018).

Para além das variações entoacionais e melódicas presentes na fala, importantes tanto no ato comunicativo, a fala também pode contar em sua manifestação com os gestos e movimentos corporais e faciais, revelando o seu caráter multimodal. A relação entre gestos e prosódia, entendidos como prosódia visual, é explorada na próxima seção.

## Gesto na fala: a prosódia visual

A fala é a materialidade linguística mais observada em estudos fonéticos por apresentar diversos fenômenos importantes na comunicação. No entanto, nas últimas três décadas, os gestos têm sido investigados como realidades linguísticas que também enriquecem a comunicação humana. A partir disso, fundamentados pela

realidade da prosódia da fala, pesquisadores têm defendido o que chamam de prosódia visual ou gestual.

Esse fenômeno parte do conceito da multimodalidade linguística, uma linguagem que depende de fenômenos para além da fala, e trata-se de gestos carregados de informações prosódicas da fala.

Diversos autores – a exemplo, Krahmer *et al.* (2002); Munhall *et al.* (2004); Swerts e Krahmer, 2008; Pacheco, 2011; Dias, 2018; Miranda *et al.*, 2021; Dias, Pacheco e Oliveira, 2022, entre outros – defendem a importância dos gestos para a linguagem, ainda que eles sejam utilizados por pessoas não surdas, ou seja, oralizadas. Goldin-Meadow (1999, p. 419, tradução nossa) traz que

As pessoas movem suas mãos enquanto falam – elas gesticulam. Gesticular é um fenômeno robusto, presente em diversas culturas, faixas etárias e tarefas linguísticas [...] Quando os gestos assumem a principal função comunicativa, eles adquirem uma forma linguística com estruturas em níveis lexicais e de sentença. No entanto, quando produzidos juntamente à fala, os gestos tomam uma forma diferente, tornando-se imagéticos e análogos. Apesar de sua forma, os gestos concomitantes à fala também comunicam.<sup>2</sup>

Essa ideia trazida por Goldin-Meadow (1999) é reforçada por Dias, Pacheco e Oliveira (2022). Essas autoras afirmam que os gestos, tanto faciais quanto manuais, sempre ocorrem em uma conversa face a face, cumprindo uma função importante para uma comunicação bem-sucedida, sobretudo quando faltam palavras aos interlocutores. As autoras ainda acrescentam que os gestos são além de meros ilustradores da fala. Isso reforça o fato de que os gestos assim como fala apresentam a mesma importância em uma interação, assumindo a multimodalidade da linguagem.

Assim, podemos assumir que os gestos, enquanto unidades portadoras de variações relacionadas a melodia e a entonação, podem ser assumidos como prosódia visual, revelando-se duas materialidades linguísticas: fala e gesto, dupla que deve ser considerada ao se propor a conhecer o perfil linguístico de um determinado grupo, como é nosso caso, que nos propomos a estudar a percepção, enquanto reconhecimento, de sujeitos *gays*, comparativamente aos sujeitos heterossexuais.

Para entendermos o que é um gesto, trazemos McNeill (1992) para quem os gestos não são movimentos aleatórios de braços e mãos balançando no ar, eles apresentam significados por contra própria. Para McNeill e Duncan (2000), há

---

<sup>2</sup> People move their hands as they talk – they gesture. Gesturing is a robust phenomenon, found across cultures, ages, and tasks [...] When called upon to carry the full burden of communication, gesture assumes a language-like form, with structure at word and sentence levels. However, when produced along with speech, gesture assumes a different form – it becomes imagistic and analog. Despite its form, the gesture that accompanies speech also communicates.

uma unidade mínima do pensamento que integra gesto e fala chamada de *Growth Points*<sup>3</sup>. Para eles, é preciso considerar o caráter significativo dos gestos, sobretudo quando sincronizados com a fala (McNeill, 1992; McNeill; Duncan, 2000).

A fim de também defender como os gestos são organizados, Kendon (2004) sustenta a elaboração de que os gestos podem ser padronizados e categorizados, justificando seu ponto a partir do que ele chama de Unidade Gestual. Para o autor, essa Unidade diz respeito a movimentos manuais identificados por três fases: preparação, momento em que as mãos e os braços saem do estado de repouso; golpe, principal momento do gesto, em que os membros assumem uma posição definida; e retração, momento em que as mãos e os braços voltam à sua posição inicial. Em concordância ao fato de que os gestos podem ser categorizados, Bressem (2013) reforça essa ideia por meio de um sistema de notação gestual em que podemos observar que os gestos manuais podem ser descritos a partir de parâmetros como formatos de mão, orientação de palmas e alguns critérios relacionados aos movimentos em si, incluindo a posição espacial do movimento.

Do mesmo modo, expressões faciais, tidas aqui como gestos faciais, podem ser observadas como fenômenos importantes que reforçam ou se relacionam a aspectos da fala, quando a acompanham como defendem Moraes *et al.* (2010) e Moraes, Miranda e Rilliard (2012).

A partir disso, apresentaremos alguns estudos que validam o uso de gestos manuais e faciais diante da relação com a fala, reforçando sua importância na linguagem humana. Por meio desse panorama, observaremos que os gestos podem de fato ser padronizados e assumem papéis fonéticos tão fundamentais quanto à fala.

Um dos principais estudos dos últimos anos que atestam a pertinência da prosódia visual é o de Krahmer *et al.* (2002), pesquisadores que investigaram a influência de movimentos de sobrancelhas na percepção de proeminências. Nesse estudo conduzido por dois experimentos, os autores observaram que, entre gestos e fala alinhados (i.e., sincronizados) e não alinhados, os avaliadores optaram por enunciados em que movimentos de sobrancelhas e fala foram expressos em sincronia. A partir disso, Krahmer *et al.* (2002) concluíram que essas expressões faciais aumentam a chance de proeminências percebidas em palavras que também receberam um acento de *pitch*. Portanto, os autores reforçam a importância de gestos concomitantes à fala, justificando a relação gesto-fala na nossa linguagem. Observemos a seguir que outros autores apoiam essa mesma elucidação.

Swerts e Krahmer (2008) atestaram, por meio de dois experimentos, que proeminências apresentam maior chance de serem percebidas quando há estímulos tanto acústicos quanto visuais (sobretudo nas partes superiores e do lado esquerdo da face) em sincronia. Dessa forma, os autores reafirmam a legitimidade da prosódia visual.

---

<sup>3</sup> Pontos de crescimento (tradução nossa).

De forma semelhante, Pacheco (2011), além de estudar atenuações por meio de movimentos corporais e faciais, também avaliou esses movimentos na percepção de ênfases. Sob a análise de três condições experimentais, a autora concluiu que a ausência de gestos impacta na percepção da variação entoacional, de modo que a presença de movimentos faciais e manuais aumentam as chances de percepção prosódica.

Observemos aqui que nos estudos trazidos nos últimos parágrafos que a prosódia visual é comprovada pela investigação dos gestos mediante a produção de proeminências/ênfases. Apesar disso, outros fenômenos prosódicos também são frequentemente usados para observar a prosódia dos gestos na fala, o que reforça ainda mais a pertinência dessa realidade linguística.

Munhall *et al.* (2004) defendem a prosódia visual ao estudarem a percepção da prosódia da fala por meio de movimentos de cabeça. Em seu estudo, os autores se propuseram a investigar a relação imediata desses movimentos do corpo com a  $f_0$  e amplitude da voz, aspectos acústicos da fala. Provada que de fato há essa relação, os autores concluíram que a inteligibilidade da fala é mais efetiva quando depende tanto do gesto quanto da fala, ou seja, de uma prosódia visual.

Outros autores importantes nessa área de investigação, Moraes, Miranda e Rilliard (2012), observaram como se dá a percepção de atitudes prosódicas por meio de expressões faciais. Eles gravaram dois falantes do português brasileiro a fim de analisarem as expressões faciais no reconhecimento dessas atitudes. Segundo os autores, os resultados mostraram a importância de gestos faciais para a percepção, reforçando o que Moraes *et al.* (2010) sinalizaram em um estudo anterior. Desse modo, nesses trabalhos, os autores nos trazem que a multimodalidade linguística (pistas visuais e acústicas integradas) aumentam as chances de melhor expressão de atitudes prosódicas.

Os autores Miranda *et al.* (2021) igualmente ressaltam a pertinência da prosódia visual, investigando outros eventos prosódicos. Nesse estudo, os estudiosos trazem que a relação audiovisual no reconhecimento prosódico também ocorre em sentenças declarativas e em perguntas-eco. Com base em três experimentos, os autores observaram que os participantes foram capazes de distinguir os enunciados tanto por meio de estímulos acústicos quanto visuais. Além disso, ao produzir esses enunciados em condições com ruídos, a percepção prosódica ancorou-se majoritariamente em pistas visuais, o que reforça a função dos gestos como fenômenos prosódicos.

A partir do que foi apresentado até aqui, notamos que as pesquisas em prosódia visual tendem a analisar como esse fenômeno legitima e aumenta o sucesso comunicativo entre duas ou mais pessoas. No entanto, poucos estudiosos exploram o potencial da prosódia visual como um fato linguístico importante à investigação de fenômenos da sexualidade humana.

Com isso, Santana-Luciano *et al.* (2021) e Santana-Luciano e Pacheco (2024), diante desse cenário escasso, encarregam-se em assumir a tarefa de relacionar esses fenômenos da vida humana.

Santana-Luciano *et al.* (2021) observaram se há um padrão prosódico visual realizado por sujeitos *gays* ao produzirem enunciados interrogativos. Para tanto, os autores examinaram como se deram as produções de gestos faciais e manuais concomitantes à realização de perguntas do tipo parcial<sup>4</sup> por sujeitos *gays* e héteros. Com os seus resultados, os autores concluíram que não houve um padrão próprio produzido pelos sujeitos investigados, apesar de os sujeitos *gays* terem sido mais expressivos do que sujeitos héteros.

Já Santana-Luciano e Pacheco (2024) analisaram a produção de ênfases por sujeitos *gays* e não *gays*, a fim de observar a existência de um possível padrão prosódico visual. Segundo os pesquisadores, diferentemente daquilo que Santana-Luciano *et al.* (2021) encontraram, os sujeitos não *gays* apresentaram maior expressividade gestual na produção de ênfases do que sujeitos *gays* ao produzirem ênfases. Assim, para Santana-Luciano e Pacheco (2024), a orientação afetivo-sexual não determina produções específicas de ênfases.

Assim, diante do que foi apresentado, gestos, fala e prosódia são fenômenos linguísticos que cumprem funções importantes à comunicação humana (Krahmer *et al.*, 2002; Swerts; Krahmer, 2008; Pacheco, 2011; Miranda *et al.*, 2021) e a questões relacionadas à sexualidade humana (Santana-Luciano *et al.*, 2021; Santana-Luciano; Pacheco, 2024).

A fim de acrescentar às investigações de Santana-Luciano *et al.* (2021) e Santana-Luciano e Pacheco (2024), é importante tratarmos de algumas categorias importantes à sexualidade humana, uma vez que esses fatos sociopolíticos e discursivos são cruciais em nossa investigação. Para tanto, elaboramos uma apresentação sobre esses pontos na próxima seção.

## Gênero e sexualidade humana: sujeitos *gays* e heterossexuais em foco

Nesta seção, nos propomos a apresentar como a sexualidade da nossa espécie é um campo de extrema afinidade com a linguagem humana, ou seja, como a sexualidade e a Linguística comungam entre si. Para além disso, aproveitaremos essa apresentação a fim de esclarecer algumas categorias de sexualidade que porventura podem ser confundidas por muitas pessoas.

---

<sup>4</sup> Segundo Moraes (1998) apud Santana-Luciano *et al.* (2021), perguntas ou questões do tipo parcial diz respeito a enunciados interrogativos iniciados por pronomes interrogativos, e.g., que, quem, quanto(a) (s) etc., e não exigem “sim” e/ou “não” como respostas.

Antes de tudo, aqui defendemos que tratar de sujeitos *gays* e heterossexuais vai além de reconhecer a orientação afetivo-sexual. Para nós, há uma complexidade humana envolvendo esses indivíduos, como a relação entre gênero e orientação.

Nesse sentido, a orientação afetivo-sexual é conceituada como uma inclinação involuntária e profunda de cada pessoa ao se atrair emocional, afetivo e/ou sexualmente por outras pessoas de gênero(s) diferente(s), igual(is), assim como ter relações íntimas com esses indivíduos, sejam em níveis sexuais, afetivo e/ou emocionais (Princípios, 2007; Reis, 2018). Para além disso, quando falamos dos sujeitos que manifestam suas orientações na sociedade, é preciso tratarmos de gênero, um termo caro a Butler (2024), uma pensadora importante aos estudos em sexualidade humana.

Com base em Butler (2024), observamos que o gênero é uma produção discursiva, jamais natural e substancial. A autora considera que o gênero é “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir uma aparência de substância, de uma classe natural de ser” (Butler, 2024, p. 69). Isso nos leva a entender que há atos linguísticos, gestos que repetimos ritualmente que nos causam uma impressão de que o gênero é construído e inato. Assim, Butler (2024) ainda acrescenta que esses atos são copiados por nós, de forma que não exista uma identidade estável ou precursora; afinal, se assim fosse, não haveria gêneros dissidentes que não se adequam às leis sociais determinantes.

Nesse sentido, a autora assume que, ainda que haja leis em diversas sociedades que tentam gerir regras sobre os corpos, é insuficiente falarmos sobre “identidade” relacionada a gêneros e outras categorias da sexualidade humana como a orientação afetivo-sexual. Assim, podemos falar que somos discursivamente *gays*, héteros, masculinos, afeminados etc. Afinal, é por meio do discurso que podemos compreender que não há qualquer corpo em qualquer sociedade que não tenha significado cultural. Isso é justificado quando observamos que, antes do nascimento de qualquer pessoa, ela já se torna sujeito a partir de expectativas de gênero sobre ele. Sobre isso, diante de falas como “é um menino”, “é uma menina”, temos então corpos traçados por significados culturais, em que o gênero é o agente responsável que torna qualquer ser um indivíduo inteligível. Por isso, para Butler (2024), esse fenômeno é o que nos torna sujeitos, nesse caso, linguístico-discursivos.

A partir disso, temos condições de falarmos sobre expressões de gêneros que podem atender a papéis sociais ou irem contra essas normas. Expressar gêneros na nossa sociedade é considerar o que entendemos como ser homem, o que precede uma discussão sobre masculinidade. E, dessa forma, como trazido, referir-se sobre sujeitos *gays* e homens heterossexuais nos leva a abordar gênero.

Nessa oportunidade, a masculinidade hegemônica é um termo importante para a nossa discussão, uma vez que, apesar de haver uma diversidade de masculinidades, essa variedade é subordinada à imposição da masculinidade hegemônica (Kaufman, 1995).

Connell e Messerschmidt (2013) postulam que o termo foi estabelecido com base na concepção normativa de gênero que naturaliza a polêmica dicotomia biológica do sexo e social do gênero, uma crítica também observada por Butler (2024).

Uma vez que entendemos que a masculinidade aprisiona e condiciona alguns corpos na sociedade, concordamos com o que Connell e Messerschmidt (2013), Butler (2024) e outros autores defendem: o gênero é uma esfera de poder que pode tanto beneficiar como marginalizar os homens, independentemente da sua orientação afetivo-sexual. Para Junqueira (2007), a masculinidade hegemônica normatiza o gênero e engessa as possibilidades de expressão a severos limites. Isso coincide com o fato de que há, em nossa sociedade, papéis de gênero munidos de significados sociais que delimitam nossa noção do que é ser, dos modos de se expressar, de viver como homem (Severino, 2022).

Essa contribuição de Severino (2022) pode ser exemplificada pela limitação imposta pela masculinidade hegemônica por meio daquilo que Connell (1995) diz: “nós vivenciamos as masculinidades (em parte) como certas tensões musculares, posturas, habilidades físicas, **formas de nos movimentar**<sup>5</sup>, e assim por diante” (p. 189). Desse modo, a masculinidade hegemônica enquadra nossas interpretações do que é (não) ser homem e (não) ser masculino no que diz respeito à expressividade gestual. Consequentemente, uma vez que *gays* e homens heterossexuais cisgêneros<sup>6</sup> são seres do sexo masculino, ou seja, homens, nossas concepções sociais acerca desses sujeitos também são circunscritas na masculinidade hegemônica e “afetam” nossas percepções sobre a linguagem (no sentido multimodal) dos sujeitos.

Diante disso, a percepção da masculinidade está ancorada no que é regido pela masculinidade hegemônica. Devido a isso, estabelecendo uma relação com a fala, a postura e o gesto, espera-se que homens heterossexuais sejam mais viris, “duros”, com posturas mais tensas, gestos menos expressivos e delicados e fala menos melodiosa, ao passo que, espera-se socialmente, que homens *gays* sejam mais “maleáveis”, delicados, com posturas menos tensas, mais expressivos gestualmente e de fala melodiosa.

Assim, com base no que expomos aqui, concluímos que, socialmente, nossos conceitos acerca do “ser *gay*, hétero etc.” parte de uma complexidade de fatores – novamente – sociais, sexuais, biológicos, políticos, históricos, linguísticos etc. Essas concepções também parecem ser ancoradas na autopercepção e na percepção alheia da linguagem desses sujeitos.

Trazidas essas considerações, na seção a seguir, apresentaremos a metodologia adotada para a presente investigação.

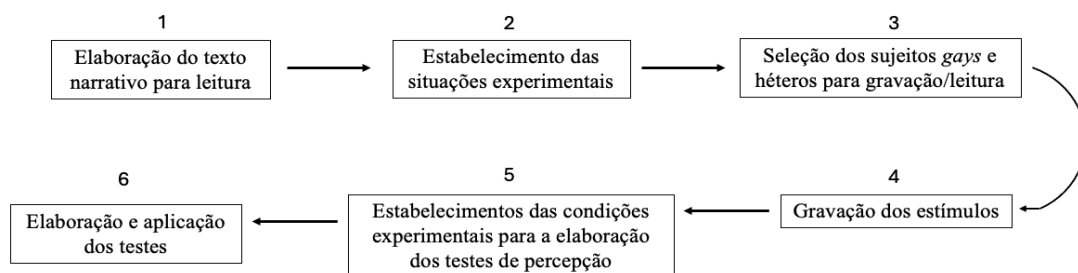
---

<sup>5</sup> Grifo nosso.

<sup>6</sup> Termo que diz respeito à identidade de gênero, definida como “a profundamente sentida experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento [...], incluindo o senso pessoal do corpo, vestimentas, modo de falar e maneirismos” (PRINCÍPIOS, 2007, p. 7).

## Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentaremos o percurso metodológico e as justificativas das escolhas adotadas para essa etapa científica. Assim, para otimizar a apresentação, trazemos, nesse primeiro momento, um diagrama que ilustra os seis passos metodológicos deste estudo de natureza quali-quantitativa<sup>7</sup>. Vejamos a seguir, na figura I.



**Figura I.** Percurso metodológico deste estudo.

**Fonte:** elaboração própria.

Como podemos ver na figura I, primeiramente, elaboramos um texto que, em um momento posterior, nos fornecerá os estímulos fundamentais para os testes de percepção. Nessa etapa inicial, optamos pela escrita de um texto narrativo em razão de sua carga emocional e da maior liberdade no uso de eventos prosódicos, o que nos permitiu controlar efeitos prosódicos como perguntas, proeminências, pausas, citações, entre outros. Assim, o excerto do texto escolhido para a leitura dos sujeitos foi o seguinte:

“Imediatamente, Carla retrucou:

– Eu não posso ficar.

Enfatizando a última palavra, disse Diego:

– Como assim não PODE?

Da mesma forma, Carla devolveu a mensagem, acentuando as palavras:

– EU NÃO QUERO FICAR. Eu não quero PODER ficar.”

De forma estratégica, desenvolvemos esse texto incluindo sinalizações (marcadores prosódicos lexicais e gráficos, conforme Pacheco (2006) de eventos prosódicos como interrogativas, proeminências e pausas. Esses marcadores dizem respeito ao uso de sinais de pontuação (e.g., interrogação) e de palavras como “disse, enfa-

<sup>7</sup> Pesquisa autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (número de registro CAAE 70194923.6.0000.0055).

tizando as palavras”, assim como de recursos como “caixa alta” ou *caps lock* (letras maiúsculas) etc.

Cumprida essa etapa, elaboramos três situações experimentais para que os sujeitos as atendessem durante as gravações de suas leituras: situação 1 – “sem simulação”, em que o sujeito foi orientado a ler o texto de forma natural; situação 2 – “simulando *gay*”, em que solicitamos aos sujeitos para ler o texto simulando um homem *gay*; e situação experimental 3 – “simulando hétero”, a mesma estratégia da situação anterior, porém sob o comando de ler o texto simulando como um homem hétero leria. Sobre isso, informamos que enquanto alguns sujeitos, de qualquer orientação afetivo-sexual, ao simularem *gays* e/ou héteros, buscaram realizar suas leituras de forma estereotipada, outros evitaram se apegar a estereótipos. Assim, esperaríamos uma leitura simulando um *gay* ser uma leitura mais afeminada, expressiva, pois, o uso do termo *gay* já dá esse entendimento. Para nos certificarmos experimentalmente sobre esse estereótipo, deixamos os sujeitos simularem as leituras livremente, utilizando de estereótipos ou não.

Escolhida essa abordagem metodológica, selecionamos quatro sujeitos autodeclarados *gays* e quatro homens que declararam sua orientação afetivo-sexual como heterossexual<sup>8</sup>. A partir disso, partimos para a próxima etapa: convidamos cada um dos sujeitos para que, em sessões individuais ocorridas em laboratório (Laboratório de Pesquisa em Fonética e Fonologia – LAPEFF) localizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realizassem as leituras e assinaturas dos termos demandados pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Assim, as gravações dos estímulos foram realizadas pelo *software* Praat (Boersma; Weenink, 1993-2025), versão macOS, em modo estéreo, com amostra de 44 Hz, em formato *wav.*, bem como pela câmera frontal de iPad décima geração posicionada de forma a captar movimentos da face, dos braços e das mãos.

Vale ressaltar que os estímulos foram gravados em uma cabine acústica, com o uso de um microfone *headset* (de cabeça) cardioide Karsect com filtro de linha para melhor registro de sinais acústicos. Durante toda leitura, os sujeitos sentaram-se em uma carteira escolar sem encosto para braços e leram o texto com a ajuda de um aplicativo Teleprompter (versão 3.9.25), disposto no iPad, em que puderam controlar a velocidade de movimento do texto<sup>9</sup>.

Com as gravações de áudio e audiovisual em mãos, elaboramos seis condições experimentais que foram apresentadas nos testes de percepção. Cada condição

---

<sup>8</sup> Todos os sujeitos gravados em laboratório responderam a um questionário de autodeclaração a respeito de suas orientações afetivo-sexuais, identidades (cisgêneros) e autopercepções de gênero (masculino, afeminado etc.). Além disso, todos eles são maiores de idade (18 anos), possuem ensino médio completo, sendo a maioria, diplomados em grau superior. Esses sujeitos também residem no município de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, há pelo menos cinco anos. Observamos também que os sujeitos apresentam o que chamamos de “fluência de leitura típica”, ou seja, durante a leitura, não apresentavam fala truncada ou dificuldades de leitura.

<sup>9</sup> O aplicativo Teleprompter disponibiliza velocidade de movimento de texto de 0 a 100. Os sujeitos optaram entre as velocidades 9 e 17, o que gerou gravações de 140 segundos, em média, por leitura.

experimental (doravante, CE) diz respeito a uma combinação específica de estratégias metodológicas: um tipo de estímulo (auditivo ou audiovisual) gerado por oito sujeitos gravados (4 *gays* e 4 homens heterossexuais), em uma das situações experimentais: sem simulação, simulando *gay*; simulando heterossexual, como discriminado no quadro I a seguir:

**Quadro I.** Caracterização das seis condições experimentais investigadas.

<b>Condição experimental (CE)</b>	<b>Natureza do estímulo</b>	<b>Tipo de simulação</b>	<b>Sujeitos que gravaram os estímulos</b>
CE 1	Auditivo	Sem simulação	<i>gays</i> e héteros
CE 2	Auditivo	Simulando <i>gays</i>	<i>gays</i> e héteros
CE 3	Auditivo	Simulando héteros	<i>gays</i> e héteros
CE 4	Audiovisual	Sem simulação	<i>gays</i> e héteros
CE 5	Audiovisual	Simulando <i>gays</i>	<i>gays</i> e héteros
CE 6	Audiovisual	Simulando héteros	<i>gays</i> e héteros

**Fonte:** elaboração própria.

Com isso, foi-nos possível investigarmos também o impacto de pistas acústicas e de pistas visuais na percepção prosódica, avaliando se há e qual delas têm maior efeito nas respostas dos testes. Em outras palavras, com a apresentação de estímulo só auditivo e audiovisual, fomos capazes de avaliar o efeito da prosódia da fala e da combinação da prosódia da fala e da prosódia visual na percepção de sujeitos *gays*, heterossexuais e suas (não) masculinidades.

Assim foram contabilizados 40 (quarenta) estímulos (seis condições experimentais em que cada uma delas havia oito sujeitos, i.e., quatro *gays* e quatro homens heterossexuais), para os quais foram propostas seis perguntas/tarefas de percepção reais, ou seja, que de fato seriam alvo de análise, conforme quadro II, e quatro perguntas distratoras (idade, origem, escolaridade), cujas respostas foram descartadas, pois estavam ali só para desviar a atenção dos juízes sobre a temática da pesquisa para que eles não fossem influenciados.

**Quadro II.** Relação dos tipos de pergunta/tarefas de percepção feitas por tipo de CE e estímulos.

<b>Categorias de perguntas/tarefas de percepção</b>	<b>Perguntas/tarefas feitas</b>	<b>Opções de respostas</b>
Quanto à orientação afetivo-sexual do sujeito da gravação	“Pensando na orientação sexual, você acha que a pessoa do áudio é...” ou “Pensando na orientação sexual, você acha que a pessoa do vídeo é...”	– Heterossexual; – Homossexual; – Bissexual; – Não sei dizer
Quanto à masculinidade do sujeito da gravação	“Com base no áudio, você acha que a pessoa é...” ou “Com base no vídeo, você acha que a pessoa é...”	– Muito masculino; – Mais ou menos masculino; – Nada masculino
Quanto à expressividade facial do sujeito da gravação	“Com base no áudio, você imagina/ supõe que essa pessoa, ao falar, realiza...” ou “Com base no vídeo, você considera que essa pessoa realiza...”	– Muitos gestos; – Alguns gestos; – Nenhum gesto
Quanto à expressividade manual/corporal do sujeito da gravação		
Quanto à expressividade geral (fala e gesto) do sujeito da gravação	“Pensando nas formas de falar e gesticular, você considera que essa pessoa do áudio tem...” ou “Pensando nas formas de falar e gesticular, você considera que essa pessoa do vídeo tem...”	– Muita expressividade; – Alguma expressividade; – Nenhuma expressividade

**Fonte:** Elaboração própria.

As perguntas, com suas respectivas opções de respostas, como podem ser vistas no quadro II, buscavam investigar como ocorreria a percepção dos juízes quanto ao gênero e à orientação afetivo-sexual diante de estímulos de áudio e audiovisual. Assim, fomos capazes de investigar se os estereótipos que são projetados para um *gay* e para um heterossexual, ponto abarcado nas simulações, são suficientes para a percepção, no sentido de reconhecimento, dos sujeitos pertencentes a esses grupos.

Montados os diferentes estímulos, passamos a inseri-los nas tarefas de percepção que foram aplicadas através do aplicativo *online* Formulários Google e divulgadas, por meio de *link* do *Whatsapp*, a rede social mais popular entre os brasileiros, segundo a Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil em Santa Catarina (ADVBS/SC). Dessa forma, os juízes puderam acessar livremente os testes pelos seus dispositivos digitais.

As tarefas de percepção, em função da natureza do estímulo: com áudio ou com vídeo, foram aplicadas a grupos diferentes de juízes. Alguns juízes tiveram acesso

aos estímulos constituídos só por áudios gravados pelos sujeitos *gays* e heterossexuais – CE1 a CE3; outros avaliadores tiveram acesso a somente aos estímulos audiovisuais, gravados também pelos mesmos sujeitos – CE4 a CE6. Em todos os casos, apresentamos aos juízes essas tarefas obrigatórias (perguntas reais e distratoras) a serem realizadas imediatamente após a apresentação do estímulo de 15 segundos cada (quer áudio, quer audiovisual).

Salientamos também que os juízes não tiveram informações sobre as autodeclarações dos sujeitos a respeito das suas orientações afetivo-sexuais. Assim, a percepção de gênero e orientação afetivo-sexual foi às cegas, livre de informações prévias. Dessa forma, fomos capazes de avaliar o papel efetivo da prosódia da fala e da prosódia visual nessa tipificação.

Os passos metodológicos descritos até aqui, para uma visão geral e maior clareza, podem ser sumarizados conforme a tabela I:

**Tabela I.** Descrição das condições experimentais com suas respectivas características e total de respostas reais obtidas para cada uma delas.

Condição Experimental (CE)	Tipo de estímulo	Situação experimental	Gravações dos estímulos	Tarefas de percepção obrigatórias	Quantidade de juízes	Total de respostas reais
CE 1	Auditivo	Sem simulação	4 <i>gays</i> 4 héteros	5 reais 4 distratoras	6	240
CE 2	Auditivo	Simulando <i>gays</i>	4 <i>gays</i> 4 héteros	5 reais 4 distratoras	6	240
CE 3	Auditivo	Simulando héteros	4 <i>gays</i> 4 héteros	5 reais 4 distratoras	6	240
CE 4	Audiovisual	Sem simulação	4 <i>gays</i> 4 héteros	5 reais 4 distratoras	6	240
CE 5	Audiovisual	Simulando <i>gays</i>	4 <i>gays</i> 4 héteros	5 reais 4 distratoras	14	560
CE 6	Audiovisual	Simulando héteros	4 <i>gays</i> 4 héteros	5 reais 4 distratoras	10	400
					Total:	1.920

**Fonte:** elaboração própria.

Cada uma das seis condições experimentais teve suas 5 perguntas reais respondidas por juízes diferentes, para cada estímulo gravado (áudio e audiovisual) por sujeitos declarados *gays* e heterossexuais. Assim, contamos com a participação de 48

juízes ao todo, assim distribuídos: CE1= 6 juízes; CE2 = 6 juízes; CE3 = 6 juízes; CE4 = 6 juízes; CE5 = 14 juízes; CE6 = 10 juízes.

Neste momento, é importante salientar que os números maiores de juízes nas CE5 e CE6 se deram pela maior presença de juízes participantes nessas condições. Nas demais condições experimentais, apenas seis juízes aceitaram participar e responder às perguntas. Assim, diante disso, para não perdermos dados importantes à investigação, decidimos manter o total de juízes que participaram em cada condição experimental.

Com isso, diante da descrição de todo processo metodológico para a investigação da percepção prosódica vinculada às questões de sexualidade dos sujeitos de pesquisa, apresentamos os resultados do nosso estudo, descrevendo-os e discutindo-os. Salientamos que os nossos resultados são inéditos, portanto, no que toca à sexualidade humana e prosódia da fala e visual, dialogaremos com alguns dos nossos estudos anteriores. Ainda assim, discutiremos nossos achados sobre o fenômeno da prosódia visual com pesquisas dessa área.

## Resultados e discussão

Nesta seção, apresentaremos os resultados das percepções de seis grupos de juízes com base em suas respostas que foram obtidas das condições experimentais. Com isso, observaremos quais fatores relacionados à expressividade prosódica da fala e visual levam os juízes a compreenderem o que é ser *gay*, hétero, masculino ou não masculino.

A fim de apresentar os resultados, utilizaremos cinco tabelas que discriminarão, em média percentual, as alternativas/respostas escolhidas por todos os juízes com base nas *performances* dos sujeitos presentes nos estímulos. Em outras palavras, as médias expostas dizem respeito às 40 (quarenta) respostas (5 respostas para cada um dos 8 estímulos – 4 *gays* e 4 héteros) por juiz de cada condição experimental. Com isso, obtivemos 1920 (mil novecentas e vinte) respostas no total, considerando todas as CEs.

Primeiramente, é importante ressaltarmos que nossos achados revelam o efeito entre a relação prosódia da fala e visual e sexualidade humana. Para muitos pesquisadores, a exemplo de Munhall *et al.* (2004), Swerts e Kraemer (2008), Pacheco (2011), Miranda *et al.* (2021), o esforço é atestar a pertinência da prosódia visual como um fenômeno linguístico comum à interação entre pessoas, sejam em níveis de produção quanto de percepção.

No presente estudo, reafirmamos essa legitimidade trazida pelos autores do nosso referencial teórico (terceira seção), ultrapassando esse esforço para contribuímos com os estudos de gênero e sexualidade por meio da prosódia visual, além da prosódia da fala. Ou seja, aqui, tomamos a prosódia visual como uma realidade linguística e, com base nela, ampliaremos a discussão sobre sexualidade humana.

Com isso, podemos iniciar a nossa exposição das respostas dos juízes quanto às suas percepções sobre a orientação afetivo-sexual dos sujeitos que cederam os estímulos auditivos e audiovisuais, conforme seis condições experimentais (tabela II).

**Tabela II.** Respostas dos juízes quanto à orientação afetivo-sexual aos estímulos hétero e gay nas seis condições experimentais.

Gravação do estímulo	CE	Respostas			
		Homossexual	Heterossexual	Bissexual	Não sei dizer
Hétero	CE1	18,8%	53,0%	12,5%	15,7%
	CE2	26,5%	48,3%	12,5%	12,7%
	CE3	19,5%	53,0%	18,0%	9,5%
	CE4	20,0%	56,2%	16,2%	7,6%
	CE5	20,0%	48,3%	7,2%	24,5%
	CE6	8,3%	59,7%	20,0%	12,0%
Gay	CE1	54,2%	23,8%	14,6%	7,4%
	CE2	49,5%	27,7%	19,1%	3,7%
	CE3	42,3%	47,0%	10,7%	0,0%
	CE4	68,7%	9,0%	22,3%	0,0%
	CE5	53,0%	30,0%	17,0%	0,0%
	CE6	35,7%	41,0%	18,5	4,8%

**Fonte:** Elaboração própria.

De acordo com a tabela II, podemos afirmar que os juízes que estão diante de um estímulo de áudio e de audiovisual gravado por sujeito autodeclarado heterossexual têm grande tendência a atribuir à orientação afetivo-sexual desse locutor como pertencente ao grupo heterossexual. Nas seis condições experimentais investigadas, somente a CE2 e CE5 tiveram valores médios de respostas para heterossexual inferiores a 50%, embora estejam próximas desses valores, ambas com 48,3. Para o caso de o locutor ser autodeclarado heterossexual, mesmo nas situações de simular um *gay*, esse sujeito tende a ser percebido em mais de 50% das vezes como tal.

Esses resultados evidenciam que a voz desses sujeitos possui algum atributo acústico que o faz ser percebido como heterossexual. Naturalmente, como mostram trabalhos na literatura, a  $f_0$  pode estar atuando fortemente nesse tipo de percepção (Rogers; Smyth, 2003; Barbuio; Paulino, 2021, Sene, 2022).

Assim, podemos afirmar que os sujeitos héteros, independentemente das situações experimentais, foram identificados, preferencialmente pela sua real orientação afetivo-sexual. Da mesma forma, os sujeitos *gays* tenderam a ser identificados como homossexuais, obtendo na grande maioria dos casos mais de 50% de percepção de

dos juízes de esses sujeitos serem *gays*. Exceções devem ser feitas para CE2, CE3 e especialmente para CE6, cujos valores de percepção para “*gay*” estão abaixo de 50%. Sobre esse ponto, avaliamos que o estímulo audiovisual, em detrimento da pista exclusivamente auditiva, acentua as chances de percepção do propósito da situação experimental.

É possível também observar que as pistas visuais aumentaram as precisões das respostas apenas para as respostas dos juízes dos estímulos dos sujeitos *gays*. Essa consideração refere-se ao fato de que, para esses sujeitos, os juízes evitaram optar pela alternativa “não sei dizer”, o que não ocorreu para todas as CEs de estímulo dos sujeitos héteros.

Os estímulos de áudio e audiovisual parecem ter ações diferentes na percepção da masculinidade, a depender do sujeito que gravou o estímulo, como podemos observar nos dados da tabela III.

**Tabela III.** Respostas dos juízes quanto à masculinidade aos estímulos hétero e *gay* nas seis condições experimentais.

Gravação do estímulo	CEs	Respostas		
		Muito masculino	Mais ou menos masculino	Nada masculino
Hétero	CE1	62,4%	28,7%	8,9%
	CE2	54,7%	39,0%	6,3%
	CE3	60,0%	32,2%	7,8%
	CE4	62,4%	37,6%	0,0%
	CE5	50,0%	23,7%	26,3%
	CE6	69,8%	30,2%	0,0%
<i>Gay</i>	CE1	24,9%	54,2%	20,9%
	CE2	23,3%	59,3%	17,4%
	CE3	47,8%	27,3%	24,9%
	CE4	24,9%	59,0%	16,1%
	CE5	20,0%	48,6%	31,4%
	CE6	51,7%	31,7%	16,6%

**Fonte:** Elaboração própria.

Conforme a tabela III, podemos ver que, ao simularem héteros, os sujeitos *gays* e héteros tenderam a ser percebidos como mais masculinos (conforme a resposta “muito masculino”) do que em CE cuja situação foi “simulando *gays*”, independentemente do tipo de estímulo (auditivo e audiovisual).

Quanto às respostas dos juízes sobre os estímulos gerados pelo grupo *gay*, temos que, de um modo geral, eles tenderam a ser caracterizados como homens mais “mais ou menos masculinos” ao atenderem às situações “sem simulação” e “simulando *gays*”.

Ao simular hétéros, os juízes, por meio de estímulos auditivos e audiovisuais, tipificaram os sujeitos *gays* como mais masculinos, optando preferencialmente pela categoria “muito masculino”, sobretudo quando tiveram acesso aos vídeos. Isso, portanto, nos mostra, mais uma vez, o poder da pista visual na identificação da masculinidade.

Com base na tabela III, podemos ainda observar que a influência das pistas visuais também contribuiu para um número maior de juízes que optou pela alternativa “nada masculino” ao ter os sujeitos *gays* simulando *gays* na CE5.

Assim, diante dos resultados apresentados nas tabelas II e III, endossamos o que Miranda *et al.* (2021) postulam. Esses autores defendem como a prosódia ancorada na fala e no gesto é importante para a comunicação humana. Assimilamos essa contribuição dos autores aos nossos resultados que, apesar de estarem voltados a questões da sexualidade humana, ainda assim reforçam o poder da prosódia multimodal (de fala e visual). Isso se justifica pelo fato de que nossos juízes foram capazes, com base na prosódia, de tipificar os sujeitos a respeito de seus sexos, orientações afetivo-sexual e gêneros por meio de estímulos acústicos e visuais.

Vale pontuar que, com base nas respostas dadas às *performances* dos sujeitos ao simularem hétéros, notamos que homens hétéros costumam ser tipificados como homens muito masculinos, o que nos sinaliza uma espécie de aderência estereotipada da relação homem heterossexual e masculinidade. Isso nos mostra, assim como traz Connell (1995), que há um conceito padrão de heterossexualidade em homens estimulado pela masculinidade hegemônica, na qual homens, sobretudo heterossexuais, devem ser viris, “duros” etc. Assim, por outro lado, a homossexualidade tende a ser relacionada em algum nível com a não masculinidade hegemônica, em que homens não são reconhecidos pela sua virilidade, tensões musculares, posturas, entre outros aspectos. Essa associação é criticada por Junqueira (2007) e reflete uma inferência social explicada por Severino (2022): papéis de gênero delimitam nossas noções de modos de se expressar como homem.

Essas discussões serão endossadas por meio das tabelas IV, V e VI a seguir, em que apresentaremos as percepções dos juízes quanto às expressividades facial, manual e geral, ou seja, multimodal (gesto e fala), com base nos estímulos concedidos pelos sujeitos desta pesquisa. Vejamos.

**Tabela IV.** Respostas dos juízes quanto à expressividade facial aos estímulos hétero e *gay* nas seis condições experimentais.

Gravação do estímulo	CEs	Respostas		
		Muitos gestos	Alguns gestos	Nenhum gesto
Hétero	CE1	6,3%	43,7%	50,0%
	CE2	2,9%	75,0%	22,1%
	CE3	1,8%	52,0%	46,2%
	CE4	7,7%	40,5%	51,8%
	CE5	7,2%	78,0%	14,8%
	CE6	5,8%	40,0%	54,2%
Gay	CE1	23,2%	61,9%	14,9%
	CE2	37,0%	45,5%	17,5%
	CE3	40,7%	28,3%	31,0%
	CE4	52,5%	35,0%	12,5%
	CE5	40,7%	52,0%	7,3%
	CE6	49,5%	37,5%	13,0%

**Fonte:** Elaboração própria.

A tabela IV demonstra uma comparação entre as respostas de juízes quanto à expressividade facial de estímulos héteros e *gays*.

Para os sujeitos héteros, a maior parte das respostas dos juízes está concentrada na alternativa “alguns gestos”, com destaque para a CE2 75,0% e a CE5 78,0%. Já para os sujeitos *gays*, essa alternativa varia amplamente, apesar de se aproximar (ainda que seja menor) dos valores elevados para as respostas sobre os estímulos dos sujeitos héteros.

Observamos também que as porcentagens relacionadas a “muitos gestos” são consistentemente baixas, conforme podemos notar a variação entre 1,8% e 7,7% dessa alternativa. Já os juízes, ao responderem aos estímulos *gays*, apresentaram uma proporção muito maior da alternativa “muitos gestos” variando médias de 23,2% (CE1) até 52,5% (CE4).

Com relação aos sujeitos héteros e as respostas que dizem respeito a alternativa “nenhum gesto”, é possível apontarmos que suas médias foram altas, as quais apresentaram porcentagens de 50,0% para a CE1, 51,8% para a CE4 e 54,2% na condição experimental 6. Por outro lado, os juízes evitaram usar essa alternativa sobre os estímulos dos sujeitos *gays*, como podemos ver pelos valores de 7,3% em CE5 e maior em CE3 (31,0%).

Comparado ao estímulo auditivo, o estímulo audiovisual atrai mais juízes a uma alternativa específica, diminuindo a variabilidade/discrepância entre as respostas. Por exemplo, de um modo geral, nas CEs 4, 5 e 6, podemos observar médias maiores comparadas às CEs 1, 2 e 3 em relação a mesma alternativa. Esses resultados evidenciam que variações prosódicas associadas a gestos fornecem mais dados para uma certa uniformização na percepção.

Com isso, diante das informações da tabela IV, notamos uma diferença sistemática na percepção dos juízes sobre a expressividade facial entre os estímulos dos sujeitos héteros e *gays*, uma vez que, para os nossos avaliadores, sujeitos *gays* são mais expressivos.

Assim, ainda que Santana-Luciano *et al.* (2021) afirmem que os sujeitos heterossexuais são mais expressivos que os sujeitos *gays*, os juízes deste estudo associam maior expressividade a sujeitos *gays* sobretudo quando eles simulam *gays*.

Continuamos nossa discussão apresentando a tabela V, que discrimina as percepções dos juízes quanto à expressividade manual dos oito sujeitos que geraram os estímulos.

**Tabela V.** Respostas dos juízes quanto à expressividade manual aos estímulos hétero e *gay* nas seis condições experimentais.

Tipo de estímulo	CEs	Respostas		
		Muitos gestos	Alguns gestos	Nenhum gesto
Hétero	CE1	2,4%	34,6%	63,0%
	CE2	3,9%	67,6%	28,5%
	CE3	1,0%	48,0%	51,0%
	CE4	5,5%	37,5%	57,0%
	CE5	6,5%	64,7%	28,8%
	CE6	3,7%	38,5%	57,8%
<i>Gay</i>	CE1	20,3%	58,8%	20,9%
	CE2	30,5%	41,3%	28,2%
	CE3	34,8%	19,3%	45,9%
	CE4	49,6%	30,8%	19,6%
	CE5	50,8%	49,2%	0,0%
	CE6	36,4%	33,6%	30,0%

**Fonte:** Elaboração própria.

De acordo com a tabela V, podemos observar que, para os sujeitos héteros, a alternativa “muitos gestos” foi muito baixa em todas as CEs (variação entre 1,0% e

6,5%). Em relação aos estímulos cedidos pelos sujeitos *gays*, as médias foram maiores do que nos estímulos héteros. Aqui, destacamos as CE4 (49,6%), CE5 (50,8%) e CE6 (36,4%), que tiveram como estímulos audiovisuais para a percepção dos juízes. Isso nos leva a sinalizar que as pistas auditivas vinculadas aos estímulos visuais tendem a apresentar respostas comuns, atraindo um maior número de juízes para a mesma alternativa/resposta, e.g., “muitos gestos”.

Ressaltamos que, para os sujeitos héteros, a maioria das respostas se concentra na alternativa “alguns gestos”, com destaque para as CEs cuja situação experimental foi “simulando *gays*”, com médias de 67,6% e 64,7%. Algo semelhante ocorre para os sujeitos *gays* que, para os juízes, eles também usam de “alguns gestos” com frequência, no entanto essa alternativa também se destaca para as CE1 de situação experimental “sem simulação” (58,8%).

Já a alternativa “nenhum gesto” foi escolhida e maior para os sujeitos héteros, uma vez que, para os sujeitos *gays*, não houve, por exemplo, escolha dessa alternativa pelos juízes na CE5 cuja situação experimental foi “simulando héteros”. Com isso, é possível notar que, para os juízes, os sujeitos *gays* não costumam usar de gestos manuais ao simular héteros, levando-nos a inferir que, para os avaliadores, a heterossexualidade está associada a uma baixa expressividade manual.

Assim, considerando estímulos auditivos e audiovisuais, observamos que o acesso a pistas acústico-visuais torna esse estímulo mais sensível à diferenciação, especialmente no que diz respeito aos vídeos cedidos pelos sujeitos *gays*. Além disso, podemos notar também que a diferença de percepção dos estímulos de héteros e *gays* é acentuada nas CEs 4, 5 e 6 (estímulo audiovisual), ainda que haja uma diferença nas demais CEs (porém mais moderada).

Isso posto, levaremos nossa discussão para a apresentação da última categoria de investigação deste estudo: a expressividade concomitante de fala e gesto avaliada pelos juízes com base nos estímulos héteros e *gays* nas seis condições experimentais. Para tanto, elaboramos a tabela VI a seguir.

**Tabela VI.** – Respostas dos juízes quanto à expressividade geral aos estímulos hétero e *gay* nas seis condições experimentais.

Tipo de estímulo	CEs	Respostas		
		Muita expressividade	Alguma expressividade	Nenhuma expressividade
Hétero	CE1	14,5%	58,3%	27,2%
	CE2	62,5%	25,3%	12,2%
	CE3	33,0%	46,2%	20,8%
	CE4	0,0%	40,9%	59,1%
	CE5	35,3%	63,2%	1,5%
	CE6	0,0%	34,0%	66,0%
<i>Gay</i>	CE1	23,0%	73,7%	3,3%
	CE2	33,1%	58,2%	8,7%
	CE3	28,9%	39,0%	32,1%
	CE4	25,7%	70,0%	4,3%
	CE5	28,2%	53,5%	18,3%
	CE6	16,6%	51,7%	31,7%

**Fonte:** Elaboração própria.

Considerando a expressividade geral, ou seja, da face, das mãos, dos braços e da fala, a tabela VI apresenta que, tanto para os sujeitos héteros quanto para os sujeitos *gays*, a CE2 (situação “simulando *gays*”) se destaca pela alta frequência de respostas da alternativa “muita expressividade” e menor taxa para “nenhuma expressividade”, o que, novamente, nos leva a apontar que os juízes associam homossexualidade à alta expressividade. Ressaltamos que o mesmo fenômeno se deu para os sujeitos *gays* cujo estímulo foi audiovisual na CE5.

Essa relação homossexualidade/não masculinidade e alta expressividade é reforçada pelo fato de que, para os sujeitos *gays*, na CE1 (situação “sem simulação”), os juízes optaram pela alternativa “alguma expressividade”, evitando a escolha da resposta “nenhuma expressividade”. Por outro lado, a heterossexualidade/masculinidade associada à baixa expressividade destaca-se nas respostas aos estímulos dos sujeitos héteros nas CEs 4 e 6 (situações “sem simulação” e “simulando héteros”, respectivamente). Nessas condições experimentais, observamos um exemplo de 0,0% para a alternativa “muita expressividade” e valores extremamente altos para “nenhuma expressividade”.

Para além disso, comparando os efeitos dos estímulos auditivos e audiovisuais na percepção, notamos que, para essa tarefa em específico, as pistas visuais não fo-

ram mais sensíveis à percepção dos estímulos cedidos pelos sujeitos *gays* (exceto no caso da CE6 desse grupo de sujeitos), diferentemente do que vimos nas tabelas II, III, IV e V.

Com isso, diante dessas tabelas, reafirmamos que as expressividades de prosódia de fala e visual são socialmente relacionadas com as percepções de gênero e de orientação afetivo-sexual. Por meio dessas tabelas, sinalizamos que há uma expectativa social de que uma alta expressividade caracteriza sujeitos *gays* e/ou não masculinos, ao passo que uma baixa expressividade é associada a homens heterossexuais e/ou masculinos.

Para melhor elucidação, retomamos Butler (2024) que afirma que o gênero é uma produção discursiva, nunca natural e substancial. Com base na autora e ao observar o resultado descrito, afirmamos que as realidades perceptuais da voz e de gesto de um sujeito *gay* são determinadas por discursos presentes na sociedade onde não há qualquer corpo que não tenha sido culturalmente validado, como traz Severino (2022). E, por vezes, a expressividade de um sujeito *gay* tende a ser reconhecida como uma expressividade menos masculina.

Logo, de um modo geral, em um determinado nível, nossos resultados se aproximam às conclusões de Rogers e Smyth (2003), Kachel, Simpson e Steffens (2018) e Sene (2022). Para nós e os autores, as percepções prosódicas associadas à fala de sujeitos heterossexuais e homossexuais estão, muitas vezes, ancoradas em estereótipos, conceitos sociais de senso comum e ideologias.

## Considerações finais

Com base nas mais de mil e novecentas respostas computadas nos formulários respondidos pelos nossos juízes, reforçamos que, de fato, a linguagem depende tanto da fala quanto dos gestos para a percepção da sexualidade humana.

Assim, após alcançarmos os nossos objetivos, retomamos a nossa pergunta principal: qual o papel da prosódia da fala e da prosódia visual na percepção de gênero e da orientação afetivo-sexual de heterossexuais, *gays* e (não) masculinos?

De um modo geral, os juízes relacionam maior expressividade de fala e de gesto a sujeitos *gays*, bem como a pessoas que simulam *gays* e a não masculinidade. Logo, o fator “expressividade multimodal” é importante para a percepção de gênero e de orientação afetivo-sexual de sujeitos *gays* e heterossexuais do sexo masculino.

Isso nos leva a confirmar a nossa hipótese de que juízes tendem a caracterizar *gays* e/ou homens percebidos como não masculinos como sujeitos mais expressivos. Além disso, esses avaliadores consideram que a heterossexualidade de homens, bem como de sujeitos tidos masculinos é associada a baixas expressividades prosódicas da fala e visual.

Para além disso, observamos que as pistas visuais estimulam inferências mais precisas na percepção de orientação afetivo-sexual e de gênero do que apenas estí-

mulos acústicos. Portanto, tanto a prosódia visual quanto a prosódia da fala são importantes para a percepção linguística de um modo geral, seja em relação a eventos prosódicos, seja em questões ligadas à sexualidade humana.

Nossos resultados nos permitiram identificar que existe uma expectativa socialmente estabelecida em relação à expressividade de homens a respeito de suas sexualidades. Essa expectativa evidencia que mantemos um discurso estereotipado que normatiza corpos de homens e regulam seus modos de existência, comportamento e interação no contexto social.

Sobre isso, é importante que, antes de tudo, nos conscientizemos para evitar generalizações quanto à percepção de gênero e de sexualidade pautada na expressividade de gesto e fala de um indivíduo. Portanto, defendemos que a sexualidade humana não deve ser entendida como um “espaço” de aprisionamentos do sujeito, mas como um campo de liberdade e diversidade, para que possamos promover uma sociedade mais plural, inclusiva e justa. Nossos resultados evidenciam, portanto, que os julgamentos de pessoas a partir de estereótipos não são confiáveis e não podem ser a base de uma sociedade. Respeitar as diversas formas de expressão deve ser um ato cidadão. Respeitar as diferenças deve ser a regra para uma boa convivência em uma sociedade mais justa.

## Referências

BARBOSA, P. A. *Prosódia*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.

BARBUIO, E.; PAULINO, S. F. Percepção de gênero por meio de características acústicas da fala e variabilidade do *pitch*. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e13450. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/13450>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BRESSEM, J. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. *In: MÜLLER, C. et. al. (eds.) Body – Language – Communication: an international handbook on multimodality in human interaction*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2013, p. 1079-1098.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. Praat: doing phonetics by computer. Versão 5.4.04, 1993-2025. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>.

COMUNICAÇÃO ADVB/SC (Santa Catarina). *As 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2024*. 2024. Disponível em: <https://advb.com.br/artigos/as-10-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-em-2024/>. Acesso em: 24 set. 2024.

CONNELL, R. W. *Políticas da masculinidade*. ER: Educação e Realidade, Florianópolis, v. 20, n.2, p. 185-206, jul. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71725/40671>. Acesso em: 21 ago. 2024.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 424, abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>. Acesso em: 20 ago. 2024.

DIAS, K. D. *Interação entre sinal acústico e gestos na produção de interrogativas em uma amostra do PB, em diferentes atitudes*. Vitória da Conquista: UESB, 2018. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista, 2018. Disponível em: <https://repositorio.cepedin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/146/127>. Acesso em: 28 jun. 2021.

DIAS, L.D.; PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. Gestos manuais e faciais na produção de perguntas retóricas: uma descrição acústico-gestual em um conjunto de entrevistas no Brasil. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 12, n. 3, e2542, p. 349-373, set.- dez./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-32542. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2542/949>. Acesso em: 8. jan., 2024.

GAUDIO, R. P. “Sounding Gay: Pitch Properties in the Speech of Gay and Straight Men.” *American Speech*, v. 69, n. 1, 1994, p. 30–57. *JSTOR*. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/455948>. Acesso em: 20 jul. 2023.

GOLDIN-MEADOW, S. The role of gesture in communication and thinking. *Trends In Cognitive Sciences*, [online], v. 3, n. 11, p. 419-429, nov. 1999. Elsevier BV. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1016/s1364-6613\(99\)01397-2](http://dx.doi.org/10.1016/s1364-6613(99)01397-2). Acesso em: 3 set. 2024.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Revista Bagoas*, Natal, v.1, n.1, p.145-165. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2256/1689>. Acesso em: 3 set. 2024

KACHEL, S; SIMPSON, A. P; STEFFENS, M. C. “Do I Sound Straight?”: acoustic correlates of actual and perceived sexual orientation and masculinity/femininity in men’s speech. *Journal Of Speech, Language, And Hearing Research*, v. 61, n. 7, p. 1560-1578, 13 jul. 2018. American Speech Language Hearing Association. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1044/2018\\_jslhr-s-17-0125](http://dx.doi.org/10.1044/2018_jslhr-s-17-0125). Acesso em: 20. jul. 2023.

KAUFMAN, M. Los hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. In: ARANGO, A. *et al.* Gênero e identidade: ensayos sobre lo femenino y lo masculino. Bogotá: T.M. /UNIANDES/UM, 1995. Disponível em: <https://www.michaelkaufman.com/wp-content/uploads/2008/12/los-hombres-el-feminismo-y-las-experiencias-contradictorias-del-poder-entre-los-hombres.pdf>. Acesso em: 3 out. 2024

KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENT, R. D.; READ, C. *The Acoustic Analysis of Speech*. Canadá: Delmar, 2 ed. 1992.

KRAHMER *et. al.* Perceptual evaluation of audiovisual cues for prominence. *Speech Prosody*, Aix-en-Provence, p. 1-4, 16-20 set. 2002. Disponível em: [https://www.isca-archive.org/icslp\\_2002/krahmer02\\_icslp.pdf](https://www.isca-archive.org/icslp_2002/krahmer02_icslp.pdf). Acesso em: 16 jul. 2023.

McNEILL, D. *Hand and mind: what gestures reveal about thought*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. 416p.

McNEILL, D.; DUNCAN, Susan D. Growth points in thinking-for-speaking. In: McNEILL, David. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 141-161.

MIRANDA, L. *et. al.* The Role of the Auditory and Visual Modalities in the Perceptual Identification of Brazilian Portuguese Statements and Echo Questions. *Language and Speech*, v. 64, n.1, p. 3-23, mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/0023830919898886>. Disponível em: <https://hal.science/hal-02456308v1/file/The%20role%20of%20the%20auditory%20and%20visual%20modalities%20in%20the%20perceptual%20identification%20of%20Brazilian%20Portuguese.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2021.

MORAES, J. A.; *et. al.* Multimodal perception and production of attitudinal meaning in Brazilian Portuguese. In: *Speech Prosody*, 2010, Chicago. Proceedings Speech Prosody 2010 [5th International Conference, Chicago, 11 a 14 de maio de 2010], 2010. Disponível em: [https://www.isca-speech.org/archive\\_v0/sp2010/sp10\\_340.html](https://www.isca-speech.org/archive_v0/sp2010/sp10_340.html). Acesso em: 4 ago. 2024.

MORAES, J. A. MIRANDA, L.; RILLIARD, A. Facial gestures in the expression of prosodic attitudes of Brazilian Portuguese. In: 7th GSCP International Conference, 2012. v. 1. Belo Horizonte. *Speech and Corpora: Proceedings of the 7th GSCP International Conference of Florence*: Firenze University Press, 2012. p. 157-161. Disponível em: <https://www.academia.edu/13626710/>. Acesso em: 3 ago. 2024.

MUNHALL, K.G. *et. al.* Visual Prosody and Speech Intelligibility: Head Movement Improves Auditory Speech Perception. *Psychological Science*, v. 15, n. 2, 2004. 133-137. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0963-7214.2004.01502010.x>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14738521/>. Acesso em: 18 fev. 2024.

PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do Português Brasileiro*. São Paulo: Unicamp, 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

PACHECO, V. Movimentos faciais e corporais e percepção de ênfase e atenuação. In: III COLÓQUIO BRASILEIRO DE PROSÓDIA DA FALA, 2011, Belo Horizonte. *Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

PRINCÍPIOS de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Tradução Jones de Freitas. jul. 2007. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf). Acesso em: 27 jul. 2022

REIS, T. *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2 ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 17 set. 2021

ROGERS, H; SMYTH, R.; Phonetic Differences between Gay- and Straight-Sounding Male Speakers of North American English. 15TH INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES (ICPHS-15), ago. 2003, Barcelona. *15TH INTERNATIONAL CONGRESS OF PHONETIC SCIENCES (ICPHS-15)*. Barcelona, 2003. Disponível em: [https://www.internationalphoneticassociation.org/icphs-proceedings/ICPhS2003/papers/p15\\_1855.pdf](https://www.internationalphoneticassociation.org/icphs-proceedings/ICPhS2003/papers/p15_1855.pdf). Acesso em: 20 nov. 2023.

ROGERS, H; SMYTH, R; JACOBS, G. Vowel and Sibilant Duration in Gay- and Straight-Sounding Male Speech. FIRST INTERNATIONAL GENDER AND LANGUAGE ASSOCIATION CONFERENCE (IGALA 1), mai. 2000, Stanford. *First International Gender And Language Association Conference (IGALA 1)*. Stanford, 2000.

SANTANA-LUCIANO, J. P. S. *et al.* Padrão da prosódia visual de *gays* cisgêneros na produção de interrogativas. *In: Revista Philologus. Anais da XIII SINEFIL*. Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abr. 2021. Disponível: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO27/79supl/COMPLETO.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SANTANA-LUCIANO, J. P. S; PACHECO, Vera. Ênfase em *gays* e não *gays* cisgêneros: uma investigação por meio da prosódia visual. *EntreLetras*, v. 15, n. 2, p. 66–90, mai./ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.70860/ufnt.entreletras.e18882>. Acesso em: 7 fev. 2025.

SENE, M. G. de. *A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio*. Araraquara: Unesp, 2022. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022. Disponível em: [https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica\\_lingua\\_portuguesa/5867.pdf](https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/5867.pdf). Acesso em: 20 ago. 2023.

SEVERINO, Thiago Saveda. *Narrativas pessoais: a masculinidade hétero nas vivências do homem gay*. São Paulo: USP, 2022. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-22072022-125402/fr.php>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SWERTS, M.; KRAHMER, E. Facial expressions and prosodic prominence: Effects of modality and facial area. *Journal of Phonetics*, v. 36, n. 2, 2008, p. 219-238. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.wocn.2007.05.001>. Disponível em: <https://pure.uvt.nl/ws/files/1038945/facial.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2021.

## **Declaração de disponibilidade de acesso a dados**

Todo o material utilizado está disponível para consulta livre através dos contatos informados na primeira página deste documento.

## **Ilustrações para download:**

Não aplicável.

## **Contribuições dos Autores / ou Declaração de Autoria**

Ambos os autores participaram de forma igualitária na elaboração do delineamento experimental, na análise de dados e na escrita do artigo. Coube ao primeiro autor, exclusivamente, a coleta de dados.

## **Conflito de interesse**

Declaramos a inexistência de algum tipo de conflito de interesse relacionado ao artigo.

## **Financiamento**

O artigo tem como origem uma pesquisa fomentada pela Fapesb – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, cujo número do processo da bolsa de doutorado é 072.4195.2022.0013600-29.